



Remais

TRÁFICO HUMANO NO FUTEBOL

O lado negro de um sonho



Caso BSports trouxe de novo para a ordem do dia um grave problema que tem destruído projetos de carreira e deixado marcas em milhares de jovens que são inadvertidamente apanhados na teia

PEDRO MORAIS

R Uma bola, uma baliza improvisada, um festejo tirado a papel químico dos que se veem na televisão. Quantas infâncias não começam assim, alicerçadas na fantasia de seguir as pisadas dos craques que, semana após semana, rompem casa dentro pelos pequenos ou grandes ecrãs? Há no futebol esta magia particular de semear desde cedo sonhos do

tamanho de uma carreira. Porém, poucos são os que atingem os objetivos de forma natural, já que outros - a maioria, talvez - ficam pelo caminho e muitos se veem obrigados a sacrificar tudo por aquela oportunidade que pode só chegar uma vez. Abdicar do conforto do que se conhece e trocá-lo pelo incerto, pelo desconhecido, no fundo. O lado romântico do desporto rei oferece-nos grandes exemplos e

histórias verdadeiramente inspiradoras de superação e luta, mas há também um lado perverso que nos lembra dos perigos que muitos correm para atingir uma meta. Jovens apanhados em redes de tráfico humano, sonhos esmagados por quem prometeu o que não podia dar, vidas destruídas pela perseguição de uma mentira. O dia 12 de junho de 2023 trouxe à ribalta um destes casos. Um dia

aparentemente normal em Portugal, até rebentar uma bomba que marcaria a agenda mediática nas semanas que se seguiram. Falamos do escândalo BSports, uma academia sediada em Riba de Ave com ligações a Mário Costa, à altura presidente da Mesa da Assembleia Geral da Liga Portugal, e onde largas dezenas de jovens estrangeiros, alguns deles menores, estariam a ser retidos em condições precárias e sem

acesso à própria documentação. O tempo foi passando e, diariamente, novos dados foram surgindo, oferecendo contornos ainda mais duros a um escândalo que chocou a sociedade portuguesa. Mais de uma centena de vítimas acabaram identificadas pelo SEF, Mário Costa foi constituído arguido e vários clubes surgiram na teia. Um episódio que trouxe à tona um problema que teima em não ter fim. →

BRECHAS NA LEGISLAÇÃO

TRÁFICO HUMANO NO I

PEDRO MORAIS

R O calendário marca o ano de 2023, mas os casos de tráfico humano que amiúde surgem na agenda mediática poderiam perfeitamente colocar-nos noutra qualquer momento passado. O tempo passa e, não obstante todos os reforços legais que têm vindo a ser implementados nos últimos anos, quer a nível nacional, quer no plano internacional, continuam a descobrir-se escândalos desta índole que chocam o desporto em particular e a sociedade em geral. O mais recente dos quais aconteceu em Portugal - o episódio com a BSports -, mas este não se tratou de um acidente a vulso no panorama global. Pelo contrário. Aliás, não é necessário realizar uma pesquisa muito aprofundada para encontrar estudos que indiquem exatamente o oposto e revelam dados assustadores quanto a esta matéria. De acordo com alguns dos trabalhos mais recentes, todos os anos milhares de jovens continuam a ser vítimas de teias de tráfico humano ligadas ao futebol, na maioria dos casos à boleia de academias que funcionam de forma ilegal em países da América do Sul e de África, com o Gana a ser um dos principais centros de atividade de muitos destes espaços. Os números divergem quanto à realidade do continente africano, por exemplo, mas um artigo da Reuters, no qual é citado um trabalho da Foot Solidaire, estima que cerca de 15 mil jovens só da África Ocidental sejam víti-

Tráfico existe à escala mundial e sustenta um mercado paralelo que nem a lei internacional consegue travar. Vítimas são maioritariamente provenientes da América do Sul e de África

Um flagelo sem fronteiras

ACRA, A CAPITAL DO GANA, É UM DOS PRINCIPAIS CENTROS DE ATIVIDADE DAS ACADEMIAS ILEGAIS A NÍVEL GLOBAL

mas de tráfico humano todos os anos, chegando aos países de destino de forma ilegal e sob falsas pretensões. Todos partem em busca do sonho de construir uma carreira de topo e a maioria deixa para trás contextos de pobreza extrema, onde os índices de educação não são particularmente elevados. O destino é quase sempre o continente europeu, pese embora já tenham sido identificadas outras rotas, como uma a ligar a África Ocidental a Laos, em 2015, num caso que envolveu 23 jovens e despertou atenções na FIFA. No entanto, as aspirações sofrem, na esmagadora maioria das ocasiões, um abrupto final, ficando estes jovens com uma

mão cheia de nada e muitas vezes entregues à própria sorte em países estrangeiros. Ora, foi precisamente para travar a ascensão de episódios desta índole que a FIFA criou, no longínquo ano de 2001, o artigo 19, cujo intuito é declaradamente a proteção de menores. Segundo esta norma, a consumação das transferências internacionais só é permitida se o atleta em questão tiver 18 ou mais anos ou se se enquadrar numa das exceções previstas. Em primeiro lugar, acompanhar a mudança dos pais por motivos não relacionados com futebol. Por outro lado, mudar de clube dentro da União Europeia, algo que pode acontecer se tiver, pelo menos 16 anos. Por fim, jogador e clube estarem a 50 km da fron-

teira comum e a uma distância máxima de 100 km. Para além disso, as próprias autoridades nacionais e internacionais, como o Conselho Europeu, o G20 ou até as Nações Unidas, têm procurado encetar esforços para colocar um termo ao problema. No entanto, os prevaricadores têm conseguido encontrar brechas nesta lei, de tal forma que ainda hoje existem casos que violam o regulamento. Nos últimos anos, por exemplo, houve escândalos em Espanha, em Inglaterra, em Itália e na Dinamarca, para além de um que também deu que falar em Portugal - ver peça ao lado. Resta saber o que mais será preciso fazer para que este flagelo chegue ao fim. ●

De Londres a Freamunde

R Não é preciso puxar demasiado a fita atrás para recuperar outros escândalos que deram que falar no âmbito da contratação ilegal de menores. Na última década, houve vários casos que saltaram para a ribalta, até porque muitos deles envolveram diretamente alguns dos maiores tubarões europeus. Aqui ao lado, em Espanha, foram apanhados em ilícitos clubes como o Barcelona, o Real Madrid ou o At. Madrid, mas o flagelo chegou também, por exemplo, até Londres, com o Chelsea a ser um dos emblemas a ter de responder por ilegalidades. Todos estes emblemas, diga-se, acabaram punidos com

uma proibição de contratar jogadores. Por outro lado, em Portugal, houve já casos no passado que foram investigados por suspeitas de tráfico humano. Um deles ocorreu em 2019 e teve como epicentro Freamunde. De acordo com os relatos da altura, vários jovens estrangeiros foram deixados ao abandono pela SAD e acabaram a viver em condições precárias no próprio estádio, até serem identificados pelo SEF. O escândalo, refira-se, fez correr muita tinta e deu aquele que foi provavelmente o primeiro grande alerta nacional para este tópico. Quatro anos depois, deu-se o caso BSports. ●

FUTEBOL



INCERTO. Muitos jovens trocam os países de nascimento pela insegurança do estrangeiro, acabando, em muitas situações, por ficar remetidos à própria sorte

as

Um exemplo positivo

R As histórias negativas sobre academias de futebol em países em desenvolvimento acumulam-se, mas a verdade é que há também bons exemplos. Um deles é a academia Right to Dream - Direito a Sonhar em português -, que começou no Gana em 1999 e, entretanto, se expandiu para outros países. Pensada e estruturada por Tom Vernon, antigo scout do Manchester United e atual dono do Nordsjaelland, da Dinamarca, esta academia tem procurado ajudar milhares de jovens para lá do futebol, pese embora o grande objetivo seja formar jogadores. Neste sentido, os aspirantes a

futebolistas encontram nestes espaços condições de topo que lhes permitem evoluir no jogo sem descuidar a educação, uma parte importante deste projeto. Certo é que das academias da Right to Dream já saíram vários nomes para a alta roda do futebol - 263, segundo o site oficial -, de entre os quais se destacam os de Mohammed Kudus, do Ajax, e de Mikel Damsgaard, do Brentford. Por outro lado, há também casos de sucesso no feminino, como o de Katherine Kuhl, atualmente no Arsenal. A jovem, de 20 anos, saiu precisamente da academia do Nordsjaelland. ●

SJ propõe três grandes mudanças

PEDRO MORAIS

R O Sindicato dos Jogadores é uma das entidades a nível nacional que mais tem alertado para a necessidade de alterações ao quadro legal, a fim de evitar que situações como a da BSports tornem a repetir-se. A **Record**, o presidente Joaquim Evangelista especificou algumas das mudanças que entende serem necessárias e que tem colocado sobre a mesa no grupo de trabalho criado para este efeito.

“Em primeiro lugar, entendemos que deve haver uma maior articulação entre as entidades públicas e o desporto, para se dar uma melhor resposta a quem procura ajuda. Tem de haver uma resposta igual de todos. A segunda proposta defende que deve haver um agente local, da associação distrital ou da autarquia, responsável por fiscalizar e identificar o fenómeno localmente. Por fim, entendemos que é uma contradição haver sociedades desportivas nos distritais, que devem ser espaços lúdicos, recreativos e de desenvolvimento. Tem havido muita gente a montar negócio no distrital”, referiu o presidente do Sindicato de Jogadores. Com efeito, Joaquim Evangelista espera também que a questão dos contratos profissionais nos distritais seja revista. “Na altura, sobre o caso do Lusos Macedo de Cavaleiros, o presidente da AF Bragança disse que o clube estava a cumprir e que não podiam



ATIVO. Joaquim Evangelista atento

fazer nada. A lei não justifica tudo. Se entendemos, sobre a aparência legal, que existe um fenómeno abusivo, temos de atuar. Se há jogadores estrangeiros inscritos em excesso, deve haver um sinal de alerta. Devemos alertar as entidades competentes”, apontou.

Por fim, Joaquim Evangelista lembrou que a entidade que lidera tem procurado chamar a atenção para estes tópicos desde 2015. “Acompanhei o caso da BSports com a mesma preocupação que tenho acompanhado os demais casos nesta área do tráfico, auxílio à imigração ilegal e burla. Se verificar, desde 2015 que o Sindicato tem ajudado as vítimas. Acompanhamos seja sinalizando, por um lado, denunciando, por outro, mas sobretudo ajudando as vítimas, às quais o Estado não dá resposta”, atirou. ●

Apelo para que haja reais consequências

É já amanhã que se realiza o Conselho Nacional do Desporto, espaço onde serão apreciadas todas as propostas relativas a um novo quadro de exigências a ter para com as academias. Em discussão estarão as alterações sugeridas pelo grupo de trabalho e parece certo, a julgar pelas medidas em cima da mesa, que a malha vai apertar. Em jeito de lançamento, Joaquim Evangelista deixou um apelo. “Que não haja só uma alteração programática e que a alteração da lei tenha consequências. Mais importante do que as leis, são as consequências dessas mesmas leis”, apontou.

DIZ ALEXANDRE MESTRE

Assunto exige resposta concertada

R O tema do tráfico humano é sério e, como tal, exige uma resposta na mesma medida. Por essa razão, Alexandre Mestre, advogado e docente universitário, não embarca no facilitismo de propor “medidas apressadas, antes pensadas e concertadas”. Não obstante, o especialista em direito desportivo deixa uma sugestão de um possível passo a dar a nível regulamentar que pode ajudar à resolução deste problema em concreto. “Há algo que o Estado pode e deve fazer a nível federativo: em

obediência ao regime jurídico das federações desportivas, publicar uma minuta de regulamento-tipo para a ética desportiva, a adotar por todas as federações, garantindo um regime unificado para as diferentes modalidades desportivas e abarcando temas como corrupção, racismo, violência, ou apostas, mas também outros que ainda escapam a muitos regulamentos disciplinares, tais como abusos sexuais e tráfico de atletas, em ambos os casos agravando quando se trate de menores”, apontou, a **Record**, deixando

ainda uma reflexão sobre a profundidade do tópico e sobre as escalas em que este se faz sentir. “Este é um assunto desportivo, é de políticas de imigração, é de defesa dos direitos humanos. Envolve autoridades políticas, administrativas e desportivas. De uma escala internacional à nacional. Levanta problemas de adoção de normas, mas também de fiscalização e da sua aplicação. Não creio que haja certezas absolutas para se saber em qual dos graus se está a falhar mais”, referiu o advogado. ●

TESTEMUNHO DE SUPERAÇÃO

Teve uma lesão que quase o impossibilitou de competir e passou por vários apertos, mas aos 40 anos só ambiciona colocar a bandeira nacional no topo dos CrossFit Games

DANIEL LOPES MONTEIRO

R Chama-se Bruno Militão, tem 40 anos e em menos de um mês promete elevar bem alto a bandeira portuguesa do outro lado do Atlântico, nomeadamente nos CrossFit Games, que decorrem em Madison, nos Estados Unidos, entre 3 e 6 de agosto. Para quem não está tão familiarizado com esta modalidade, é importante perceber que o corpo é a verdadeira ferramenta de trabalho destes atletas, pois têm que se superar em múltiplas áreas, desde exercícios

“O MENTAL É A ANCORA INICIAL. É DAS COISAS MAIS FORTES QUE TENHO. A MINHA CABEÇA QUER MAIS DO QUE O MEU CORPO”

de força e alta intensidade a desportos como a natação, ginástica, levantamento de peso, calistenia, entre muitos outros. A preparação para uma ‘brincadeira’ destas está longe de ser fácil, até porque o principal objetivo é conhecer o atleta em melhor forma do ano. A curiosidade assaltou-nos e fomos até à CrossFit Alvalade IV, o ‘retiro’ de Bruno em Marvila, às portas do rio Tejo, para testemunhar como se prepara um atleta deste nível. Cansa só de ver. Garantimos-lhe. Encarou-nos com um sorriso de quem está a viver algo especial e sempre com um olhar impenetrável, um olhar de quem não se desvia um milímetro do principal objetivo. A estampa física de Bruno impressiona, ainda que os músculos definidos e as veias salientes

guardem muitas feridas do passado, como nos confessa. Antes de se lançar às argolas e dar umas valentes pedaladas na bicicleta elíptica, Bruno abre o livro e não segura a ambição. “Depois de tudo o que consegui no crossfit nacional, a única coisa que me faltava era ir aos CrossFit Games. Quando voltei a competir, meti na cabeça que

O DIA COMEÇA ÀS 6 DA MANHÃ E SÓ ACABA ÀS 20H00, DEPOIS DE DUAS SESSÕES DE TREINO E DE MUITOS OUTROS AFAZERES

queria ir e ganhar os games. Pensei sempre que era porreiro ir, mas queria treinar para ganhar. A meta é ver a nossa bandeira no ponto mais alto do pódio. Foi para isso que voltei e tenho dedicado mui-

tas horas. Quero fazer algo histórico. É um sonho e uma bênção. Quero muito aquilo, mas não estou nada nervoso”, diz-nos, sem gaguejar, acrescentando: “Se me deixarem, vou ganhar.”

Pedras no caminho...

Portugal está ansioso, imagine-se o Bruno, que passou as ‘passas do Algarve’ até chegar a esta espécie de campeonato do Mundo ou Jogos Olímpicos, ainda que pelo meio tenha conquistado diversas provas. A azáfama do dia-a-dia é um duro obstáculo, na medida em que tem que ser pai de família, gestor, formador, treinador e atleta, mas isto em nada se compara com a lesão grave que quase o impossibilitou de competir ou até mesmo com as três boxes que encerrou há 2 anos, quando a maldita pandemia Covid-19 apareceu e

estrangulou os negócios de muito boa gente. Qualquer um teria desistido, era fácil e até certo ponto compreensível, mas o ‘pai do CrossFit’ agarrou-se ao que tinha com unhas e dentes, daí que o seu verdadeiro poço de força não sejam o bíceps, tríceps, peitoral ou os gêmeos, mas sim o... cérebro. “O mental é a ancora inicial. Isso é das coisas mais fortes que tenho. Digo sempre que a minha cabeça quer mais do que o corpo. Para chegares ao teu propósito, tens que comer bem, dormir cedo. Não é por acaso que o meu programa de treino é BM Mentality. Querer competir, é ser muito forte mentalmente. É esse mental que te vai fazer dizer não, que te vai fazer dar um bocadinho mais”, realça, enquanto se vai metendo com os clientes que não se aventuram em aumentar a carga nos respetivos



BRUNO MILITÃO

O momento de uma vida está a chegar

Um dos segredos é a alimentação

Mente, treino e alimentação - são estes os três princípios básicos de um atleta de alto rendimento. E Bruno até teve que olhar para o último de outra forma. “Comecei a utilizar os produtos da Iswari, Super Vegan Fitness. São orgânicos, não têm aditivos de açúcar. Tenho uma doença autoimune, psoríase. A juntar também aos problemas respiratórios. A verdade é que senti muita diferença com esta mudança. Nós somos aquilo que comemos e se quero que o meu carro ande, tenho que ter um bom combustível!”, sublinha.

MILITÃO

Então vidas chegar



Paixão começou nas quatro linhas

R Percebe-se a paixão que Bruno tem pelo crossfit em apenas dois dedos de conversa, mas a sede de competir é a verdadeira gota de sangue que lhe corre nas veias. É assim desde os 8/9 anos, quando conheceu o mundo do desporto através do futebol, como tantos outros jovens. “Nessa altura, entrei no Alverca. Aí, comecei a sentir um pouco da pressão competitiva. Já tinha treinos de captação. Tinha que dar ao chinelo para ficar nos plantéis. Consegui ser campeão nacional de juniores, o que é um grande feito. Normalmente estes campeonatos são ganhos por Benfica, Sporting e FC

Porto. Subi a sénior, fui profissional”, diz o crossfitter, sublinhando que nunca colocou os estudos para trás das costas. “Aos 28 anos comecei a entrar no fitness, já com a licenciatura feita. Nesse momento, percebi o que estava ali... o mundo do futebol é muito duro. Os meus últimos anos no futebol foram com salários em atraso. Depois apareceu o fitness. Não gostava muito, sou sincero, mas comecei a procurar muita coisa. Nesta passagem encontro o crossfit, que me deu a possibilidade de iniciar uma metodologia de treino funcional, essencial para uma pessoa que quer estar apta

e saudável. Por outro lado, também encontrei a vertente competitiva. É muito difícil alguém jogar futebol durante 18 anos e, de repente, ficar sem o balneário, todas aquelas rotinas de treino e competição. Fica um vazio muito grande. O teu corpo precisa desta sensação.” E esta sensação, diga-se, é infinita. Aos 40 anos, Bruno confessa estar na sua melhor forma física de sempre e não pondera abandonar, embora não coloque de parte a hipótese de mudar o rumo da carreira se ganhar os CrossFit Games. “Eu gosto tanto do processo do treino. Até me vejo a entrar noutra modalidade.”



exercícios. Eles sorriem quando Bruno passa, mas não se atrevem a fazer o que ele faz. Quer dizer, alguns atrevem-se, mas ainda precisam de alguns anos para lhe chegarem aos calcanhares. A box até pode ser refrescada por ar condicionado e ventoinhas, mas Bruno sente apenas uma pequena brisa, dado o esforço físico que tem que despende durante os treinos. De sobranceiras franzidas e dentes a ranger, Bruno sabe que todas as gotas de suor vão saber a sumo quando conquistar, como deseja, o primeiro lugar na classe 40-44 anos nos CrossFit Games. Se não fosse o propósito de que tanto fala, dificilmente aguentaria a rotina diária.

24 horas não chegam

O dia de Bruno começa às 6 da manhã. Levanta-se, prepara 4 ovos,

um pão com manteiga de amendoim e um sumo de laranja e segue de imediato para a box. Entre as 7h00 e as 9h00 dá treinos a clientes que o acompanham há muitos anos, sendo que meia hora depois vai ele mesmo ‘esfregar’ o cabedal durante duas horas. No final, toma um sempre indispensável batido de proteína e por volta do meio-dia almoça, de forma cuidada e reforçada. Às 15h00, mais coisa menos coisa, segue então para o segundo treino. O ideal é os treinos ficarem intervalados por 4 horas, como nos conta. O procedimento é o mesmo, levar o corpo ao limite de modo a ganhar o calo necessário para aguentar a exigência dos CrossFit Games. Entre reuniões e outros afazeres, Bruno chega finalmente a casa às 20h00 para jantar em família. O momento de uma vida vale todo este esforço.



DEDICAÇÃO.
Bruno Militão
não se poupa a esforços

NÃO COMETE DESLIZES

Álcool e açúcar? Nem vê-los...

R É sabido que os atletas de alta competição têm que seguir à risca uma série de normas, mas, em tom de brincadeira, Bruno vive noutra galáxia. E as duas histórias seguintes comprovam-no na perfeição. E se lhe dissermos que a escola dos filhos Maria e Miguel, de 4 e 2 anos, respetivamente, foi escolhida a dedo? Pasmem-se. “Quando comecei a procurar uma escola para a minha filha, ia às escolas e via os miúdos a comerem pão com manteiga, às vezes até era manteiga com pão, e lei-

te com chocolate. Comiam aquilo ao pequeno almoço e ao lanche. Perguntei se podíamos trazer as coisas de casa e alguns eram um pouco intransigentes. Quando escolhemos a escola final, voltámos a propor isso à escola e houve alguma resistência, diziam que não se responsabilizam e olhavam de forma estranha para nós. A verdade é que os pequenos almoços e os lanches são diferentes em relação aos dos outros miúdos. O açúcar é uma droga, é viciante. A minha filha já é conhecida pela ‘menina

das barritas”, conta, com boa disposição. Mas o destino até tem coisas engraçadas. Sabe onde está situado o CrossFit Alvalade? Precisamente na rua do... Açúcar, em Marvila. A diferença é que este não engorda. O álcool, por exemplo, também é algo que não entra no dicionário de Bruno, tanto que ainda nem sequer bebeu um copito de vinho este ano: “Isso ajudou-me bastante, porque tenho muito menos processo inflamatório. Foi uma das escolhas que tive que fazer.”

PARA TODAS AS IDADES

Quando o futebol ganha novo ritmo

É a andar que se chega mais longe e é a partir dos 50 que se joga: há um novo mundo a descobrir

MÁRIO DUARTE

R Passo a passo, sem pressas, para chegar mais além. Sobretudo, para não parar. É este, em suma, o propósito da nova variante do futebol que a FPF tem vindo a implementar e fomentar de forma mais efetiva nos últimos tempos: o Walking Football. Foi em março que a FPF lançou o desafio às associações de futebol para abraçarem o novo projeto. Quatro meses depois, dias 1 e 2, teve lugar a Festa Nacional desta nova variante, na Cidade do Futebol, com a participação de 24 equipas (22 de cada uma das associações distritais e regionais, além dos coletivos da própria FPF e do Sindicato dos Jornalistas), divididas em seis grupos de quatro. Estiveram em campo mais de 200 jogadores, homens e mulheres com idade superior a 50 anos - a participante mais ve-

NO FIM DE SEMANA DE 1 E 2 FORAM 228 OS PARTICIPANTES NAS 24 EQUIPAS QUE ESTIVERAM NA CIDADE DO FUTEBOL A JOGAR

Iha tinha 77 anos. No total, houve 76 atletas entre os 50 e os 59 anos, 104 na faixa etária dos 60 aos 69, além de 48 jogadores com idades compreendidas entre 70 e 79 anos. No geral, a média de idades dos 228 participantes foi de 63 anos. Todos e todas jogaram. Paradigmática foi a representação da equipa de Ponta Delgada: dos dez elementos participantes da equipa açoriana, oito foram mulheres e a média de idades era superior a 70 anos. O dia começou com jogos às 10h00 e às 11h00, seguindo-se o almoço e atividades lúdicas, como bingo, matraquilhos, entre outros. A meio da tarde cumpriu-se nova ronda de jogos e a jornada terminou com mais convívio, tendo Fernando Gomes, presidente da FPF, como interveniente das



WALKING FOOTBALL



AÇÃO. Edite Fernandes, João Pinto ou Oceano (em cima) foram alguns dos participantes na 1ª Festa Nacional do Walking Football, pela equipa da FPF, que esteve representada ao mais alto nível pelo seu presidente, Fernando Gomes, que acompanhou todas as ações de convívio e confraternização que moveram e motivaram este evento dedicado a 'atletas' supra 50

ações de confraternização, mas não da atividade desportiva. Tendo como ponto prévio que a competição não é o objetivo do Walking Football - Futebol a andar, mas acima de tudo a atividade física, integração e convívio dos participantes, a iniciativa acabou por sem bem sucedida para todos os envolvidos. Isto porque o propósito desta variante visa promover a prática des-

portiva em todas as idades e não só permite como incentiva os mais velhos a manterem-se ativos. Está, por isso, destinada a praticantes acima dos 50 anos. Promover a integração e o convívio de grupo em prol de uma vida mais ativa são metas do Walking Football que visam, em simultâneo, o combate ao isolamento, sedentarismo, depressão e melhorar os índices de saúde.

Tendo em atenção as naturais limitações físicas do público a que se destina e levando em linha de conta as restrições em termos de toques consecutivos na bola permitidos a cada jogador (três), ganham especial relevância outras valências que não a velocidade, força, agilidade, destreza ou resistência. No fundo, trata-se assim de um jogo de futebol a passo em que a técnica e a estratégia

se tornam fundamentais. Fazer circular a bola, criar e ocupar espaços, evoluir no terreno e, claro, marcar são os pressupostos de um jogo em que ganhar é mesmo o que menos importa. Dinamizar o desporto sénior, levar as pessoas com mais de 50 anos a deixar o sofá e a televisão, sair de casa e conviver, confraternizar, viver é o principal golo a marcar pelo Walking Football.

AS REGRAS MAIS SIMPLES

O Walking Football tem regras específicas, simples:

- 1 Os jogadores não podem correr, tendo de manter sempre um pé a tocar no solo;
- 2 Cada equipa é formada por cinco elementos, homens e mulheres;
- 3 O campo tem as dimensões máximas de 20m x 40m;
- 4 A duração do jogo é de 40 minutos, 20' cada parte;
- 5 Os jogadores só podem dar um máximo de três toques consecutivos na bola;
- 6 A bola não pode subir acima de um metro;
- 7 O golo só é válido se marcado dentro da área
- 8 Não há guarda-redes.

MOTORES

À conquista da Europa



Modelo elétrico da marca chinesa é um 'hatchback' do segmento C que tem no preço um dos trunfos

PAULO RENATO SOARES

A BYD (Build Your Dreams) avança mais um passo na estratégia de conquista dos consumidores europeus com a entrada em cena, já a partir de setembro, do novo Dolphin. O modelo 100 por cento elétrico é um 'hatchback' inserido no chamado segmento C (compactos) e que tem no preço um dos muitos trunfos. Os traços do 'design' do Dolphin mostram intenção de alinhar pelo gosto dos europeus, pelo que este elétrico consegue afirmar-se por imagem descomplexada e que tem inspiração nas linhas 'SUV/Crossover'. A paleta de cores escolhida para a carroçaria –

BYD DOLPHIN



onde há a hipótese de escolher 'capot' em tom distinto -, acentua a personalidade, num automóvel de cinco lugares e bagageira ao nível do segmento: 345 litros. O novo elemento da família BYD vem juntar-se aos modelos já presentes em Portugal (Tang, Han e Atto3), usa a mesma plataforma

deste último, a e-Platform 3.0, servindo-se também da bateria em lâmina (Blade Battery), construída pela própria BYD. A bateria, que pode ter 60,4 kWh de capacidade, não tem cobalto e utiliza fosfato de ferro-lítio (LFP) como material catódico – oferecendo, garante a marca, nível de segurança mais elevado do que as convencionais baterias de iões de lítio. Oferece ainda, de série, bomba de calor para melhor eficiência térmica da bateria. O Dolphin começa carreira exata-

mente com a bateria de 60,4 kWh, que permite autonomia até 427 quilómetros, servindo motor com 204 cv de potência. Mais tarde, no final do ano, chegam versões menos potentes (95 cv), utilizando bateria de 44,9 kWh e que vão colocar o Dolphin numa faixa de preço abaixo dos 30 mil euros. Para primeiro contacto com o Dolphin (na versão de 204 cv, denominada 'Design') a BYD escolheu Madrid e as estradas e autoestradas ao redor da capital espanhola. Percursos que sugeriram consumo e autonomia próximos dos anunciados, ao mesmo tempo que revelavam automóvel fácil de conduzir, com apetência pelo ambiente urbano e cujo am-

TÉCNICA

Motor	elétrico síncrono imã permanente
Potência (cv)	204
Velocidade máxima (km/h)	160
Aceleração 0-100 km/h (seg)	7,0
Capacidade da bateria (kWh)	60,4
Autonomia (km)	427
Consumo (kWh/100km)	15,9
Carregamento a 88 kWh	30% a 80% em 29 minutos
Capacidade da bagageira (l)	345
Comp/Larg/Alt (m)	4,290/1,770/1,570
Peso (kg)	1658
Preço (€)	a partir de €29.990*

* valor para a versão Active com bateria de 44,9 kWh e 95 cv. A versão Design custa 37.690 euros

biente a bordo mistura bem a tecnologia e o 'design'. Não falta sequer um ecrã tátil rotativo, complemento do pequeno painel de instrumentos digital. Os sistemas de segurança e auxílio à condução adequam-se ao que é proposto por outras marcas. ●

MERCADO AUTOMÓVEL EM PORTUGAL

Peugeot consolida liderança

A Peugeot lidera o mercado de ligeiros de passageiros em Portugal e fechou o primeiro semestre do ano com diferença substancial [ver quadro] para a segunda posição, ocupada pela Renault. O pódio fica completo com a entrada da Dacia, que continua a subir nas preferências dos consumidores nacionais. Os números revelados pela ACAP (Associação Automóvel Nacional) indicam um total de 127.283 novas matrículas desde 1 de janeiro deste ano, valor que significa crescimento de 40,3% face a igual período de 2022. A subida é mais ex-

VENDAS POR TIPO DE ENERGIA

MOTORIZAÇÃO	UNIDADES	%
Gasolina	44.737	40,6
Gasóleo	14.275	13,0
Elétrico	17.074	15,5
Híbrido Plug-in a gasolina	11.911	10,8
Híbrido Plug-in a gasóleo	329	0,3
Híbrido a gasolina	14.524	13,2
Híbrido a gasóleo	2.169	2,0
Gasolina + GPL	5.134	4,7

(1) Vendas de ligeiros de passageiros entre janeiro e junho 2023

pressiva nos ligeiros de passageiros (45,4%, para um total de 110.155 unidades) e encontra tam-

bém explicação na maior disponibilidade das marcas para entregar viaturas – parte substancial resultante de encomendas firmadas em 2022. O mercado de ligeiros de passageiros é dominado pelas denominadas energias alternativas – híbridos; híbridos recarregáveis e elétricos –, seguindo-se as motorizações a gasolina. A solução Diesel já só representa 13% das novas matrículas, claramente ultrapassadas pelos elétricos (BEV): 17.074 unidades, significando 15,5 por cento do total até 30 de junho.

LIGEIRAS DE PASSAGEIROS 2023

JUNHO – Top 5			
Pos.	Marca	Unidades	% Mercado
1	Peugeot	3107	14,10
2	Renault	1872	8,49
3	Dacia	1541	6,99
4	Volkswagen	1415	6,42
5	Mercedes-Benz	1357	6,16

Jan/Jun – Top 5			
Pos.	Marca	Unidades	% Variação 2023-2022
1	Peugeot	12.914	48,2
2	Renault	9.466	68,6
3	Dacia	7.652	74,1
4	Volkswagen	7.563	107,6
5	BMW	7.041	36,7

TOTAIS MERCADO AUTOMÓVEL 2023

JAN/MAIO		
	Unidades	% Variação 2023-2022
Ligeiros de Passageiros	110.155	45,4
Comerciais Ligeiros	13.717	16,5
Total Ligeiros	123.872	41,5
Veículos Pesados*	3.411	16,9
Total	127.283	40,7

*Inclui pesados de mercadorias e de passageiros (Fonte: ACAP)

Filipe Alexandre Dias
Editor executivoANTESQUESEJA 2.^a FEIRA

Wenger: a revolução já pedia uma estátua

R 1987. Arsène Wenger tinha finto o PSG ao contratar Glenn Hoddle, para muitos o melhor jogador inglês dos anos 1980. De olho no outro lado do Canal da Mancha, o então técnico do Monaco tinha 38 anos e foi a Londres ver o que mais se passava. Pediu ao agente de Hoddle para lhe indicar um bom jogo de liga inglesa. Este sugeriu-lhe um Arsenal-Norwich e arranhou-lhe lugar num camarote, onde o treinador francês conheceu David Dein, vice-presidente dos gunners. A amizade foi instantânea. Depois foi Dein quem passou a ir ao principado ver a equipa de Wenger. Em 1996, estendeu-lhe o convite para ser treinador do Arsenal. Começou aí uma história que não parece ter fim. O próximo episódio vai meter uma estátua.

Sob o comando do avuncular George Graham, o Arsenal era uma formação com os vícios e virtudes das equipas inglesas de antanho. Era uma tripulação de talentosos piratas, movidos a força, talento, cerveja e refeições a desoras. Wenger chegou, continentalizou e mudou 'apenas tudo'. Foram 22 épocas com vitórias, polémicas e muita, muita alteração.

O Arsenal não era o 'dream job' de Wenger. Natural de Estrasburgo, foi criado na localidade próxima de Duttlenheim,



na Alsácia, região disputada entre França e Alemanha até à II Guerra Mundial. Os clubes da sua preferência eram o Estrasburgo (que ajudou a sagrar-se campeão gaulês em 1978/79 na sua modesta carreira como defesa/médio) e o Bo-

russia Mönchengladbach. Mas o sonho passava por treinar o Real Madrid.

Deus ri e tinha outros planos para Arsène. Depois de ser fiel aos monegascos que tornara campeões nacionais – recusou

a seleção francesa –, viu-se despedido. Após uma passagem pelo Japão, Wenger chegou a Highbury e foi uma revolução cultural.

David Dein anunciou no refeitório do Arsenal que o novo treinador era Wenger. Os jogadores não o conheciam e suspeitaram: nunca um treinador estrangeiro fora campeão em Inglaterra. O francês limpou toda a cerveja da mesa, alterou hábitos alimentares e introduziu suplementos vitamínicos. E, claro, impôs refrescantes métodos de treino, contratando jogadores franceses.

O impacto foi instantâneo e Wenger foi campeão na sua primeira época completa, logrando a dobradinha. Apesar da forte concorrência do Man. United, em 2001/02 os gunners voltaram a juntar Liga e Taça, mas em 2003/04 chegou a fantástica época dos 'Invencíveis', com assinatura de artistas como Bergkamp, Henry, Robert Pires, na qual o campeonato foi conquistado sem derrotas.

Nunca mais seria tão bom e Wenger não soube escolher o momento da saída. Arranhou a Liga dos Campeões ao perder a final em 2006, mas o final foi arastado, penoso. Agora é hora de fazer as pazes e o antigo manager dos londrinos vai ter uma estátua em bronze junto ao Estádio Emirates. Porque os revolucionários merecem ser saudados como devem: em vida. ●



OLADO PSICOLÓGICO

Gaspar Ferreira
Ordem dos Psicólogos
Portugueses

Conquistar um anjo

R O astro Ángel Di María foi recebido no exterior do Estádio da Luz por milhares de adeptos entusiasmados com a sua (re)contratação. O jogador mostrou-se emocionado e confirmou que fez uma escolha entre muitas possíveis, mas tinha muita vontade de regressar ao Benfica, onde se sente em casa.

Os clubes conhecem os benefícios de contratar jogadores que já passaram pelas suas equipas e têm investido em profissionais e estruturas de gestão de talentos, de modo a acompanhar de forma próxima o desenvolvimento das suas carreiras, potenciando possíveis recontrações.

Do ponto de vista dos jogadores, estes precisam de manter um desempenho

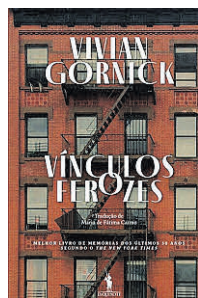
AS PALAVRAS DE AFETO DE DI MARÍA E A RECEÇÃO APOTEÓTICA CONFIRMAM LIGAÇÃO RECÍPROCA

consistente em qualquer clube. Para tal, há evidências de que os jogadores devem estar abertos ao desenvolvimento contínuo de competências técnicas e táticas, bem como para a melhoria contínua da dimensão psicológica. Competências de relacionamento, para lidar com o stress, o compromisso com os treinos, ou a flexibilidade para se adaptarem a diferentes contextos e estilos de jogo, são variáveis críticas no desempenho dos atletas de elite e aumentam a probabilidade de serem recontraçados.

O escritor F. S. Fitzgerald dizia que "precisamos de decidir como podemos ser valiosos, em vez de pensar em quão valiosos somos". As palavras de compromisso e afeto de Di María e a receção apoteótica do campeão do mundo, são uma confirmação de uma ligação recíproca, à qual todos procurarão corresponder com a mentalidade certa.

A PROPÓSITO DE NADA

Outra história do Bronx



Escritora e ativista, jornalista e ensaísta, mas sobretudo feminista da ala radical, a norte-americana Vivian Gornick conta a história da batalha que travou com a mãe durante toda a vida para conquistar a sua independência. Escreveram-se já muitos livros sobre mães e filhas, mas nenhum re-

tou esta relação, a mais próxima de todas as relações filiais, com tanta franqueza e impiedade. É também uma aguarela de um Bronx esquecido, onde Gornick se criou e viveu. Originalmente editado em 1987, é um livro imperdível.

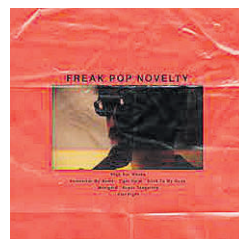
Os espíritos de Dublin



Esta mini-série é mais do que um produto de qualidade que prende: é a confirmação do que muitos já sabiam e agora todos podem ficar a saber, isto é, a consagração da tremenda Paula Malcomson. Esta atriz norte-irlandesa de exceção volta a brilhar, agora na pele de Colette

Cunningham, uma detetive da polícia de Liverpool que apanha o barco até Dublin para ajustar contas com o destino e investigar a morte da filha, de quem estava separada, ao mesmo tempo que procura reaver o resto da família.

Pop de ficar em casa



Um dos estetas dos estilo 'bedroom pop' Emmett Kay tem a sua melhor hora neste 'Freak Pop Novelty'. Não é um álbum novo, mas é semi-desconhecido. Editado em 2020, é um dos mais conse-

guidos registos de um artista que também tem dado cartas como engenheiro de som e produtor. É só passar pelo veludo de temas como 'Tiger Balm' para perceber tudo e seguir a embalagem de outros trabalhos anteriores que captaram a atenção, como o single 'Midnight'. Emmett Kai é um artista a descobrir e explorar.